

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2017

Tema: **Fraternidade: Os Biomas Brasileiros e a Diversidade da Vida**

Lema: **Cultivar e Guardar a Criação (Gn 2,15)**

Introdução:

O cuidado do meio ambiente e a defesa da vida têm sido temas de Campanhas da Fraternidade (CF) anteriores. No ano passado, ao abordar o tema do saneamento básico a CFE nos lembrou que o cuidado com a Casa Comum é responsabilidade nossa.

A Campanha da Fraternidade desde ano nos convida a conhecer e cuidar da diversidade da nossa Casa Comum chamada Brasil. Nosso território é formado por várias Comunidades de Vida, tem imensas variedades de solo, clima, florestas, animais e povos, com suas características próprias chamadas de biomas (*bio* = vida e *oma* = grupo).

Assim, na definição de Roberto Malvezzi (Gogó), “Um bioma é formado por todos os seres vivos de uma determinada região, cuja vegetação é similar e contínua, cujo clima é mais ou menos uniforme, e cuja formação tem uma história comum. Por isso, a diversidade biológica também é parecida”. No Brasil existem seis biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e o Pantanal. Cada bioma é uma expressão da rica e variada Criação que nos foi dada gratuitamente por Deus.

A Campanha da Fraternidade deste ano nos convida a viver a fraternidade em sintonia com cada bioma, com seus respectivos povos, e sua situação atual. Seu **tema é: Fraternidade: Os Biomas Brasileiros e a Diversidade da Vida**. O lema é: **Cultivar e Guardar a Criação (Gn 2,15)**.

O objetivo geral da CF 2017 é Cuidar da Criação, de modo especial dos Biomas Brasileiros, dons de Deus e promover relações fraternas com a vida e a cultura dos povos, à luz do Evangelho. Atualmente, como resultado da expansão das atividades agropecuárias e da urbanização no país, todos os biomas brasileiros correm risco de extinção caso sejam mantidos os mesmos padrões de ocupação e exploração dos mesmos. O Brasil, embora possua uma grande biodiversidade, corre o risco de perdê-la caso as leis ambientais de proteção desses biomas não sejam colocadas em prática.

A CF 2017 é uma oportunidade para um maior conhecimento e compromisso com a rica diversidade de nosso País, relacionada com todo o planeta. Ela os convida a ter uma atitude solidária com os desafios de cada bioma e não ficar olhando só para o nosso “quintal”. É preciso que as nossas comunidades se empenhem cada vez mais com as propostas da CF 2017. Seu tema não é repetição do ano passado. É uma ampliação.

As DGAE destacam que a Campanha da fraternidade é uma atividade importante no serviço à vida. “Ela está entre as ações eclesiais de maior impacto na sociedade brasileira” (DGAE 110).





1º ENCONTRO: Comunidade de vida

Chave de leitura: **Gênesis 2,4-8**

1. O que traz vida sobre a terra?
2. Como o Senhor modela o homem e lhe dá vida?
3. Como temos tratado a mãe Terra?

Vemos no texto acima que o homem é formado do pó da terra e recebe de Deus o sopro de vida. Ele é a porção da terra que sente, pensa, ama e cuida. O ser humano nasce da terra e dela depende a sua existência. As ameaças à Terra, ameaçam também a vida do ser humano. Por isso, sustentabilidade indica tudo o que se presta a manter a existência de todos os seres, especialmente os seres vivos e nossa cultura sobre o planeta.

Sem dúvida, vivemos uma crise dos pensamentos que até agora sustentaram a nossa forma de habitar e de organizar o planeta Terra, bem como da forma de tratar os bens e os serviços da natureza. Desde o século XVI passou-se a ver a matéria como algo passivo. A mente existia exclusivamente nos seres humanos, enquanto os demais animais e seres vivos agiam como máquinas, sem qualquer propósito. Eram coisas das quais podíamos dispor como quiséssemos. Isto gerou o processo industrialista selvagem que persiste em nossos dias. Mas o Papa Francisco demonstra uma nova visão e denuncia a ditadura da técnica e da ciência sobre a natureza (LS 101-136).

As modernas biológicas nos ensinam que todos os seres vivos são portadores do mesmo código genético de base. Ou seja, há um laço de parentesco que une todos os viventes. Formamos uma comunidade de vida. Assim nos diz o Papa Francisco: “estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (LS 89). “Tudo está relacionado e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra”. (LS 92).

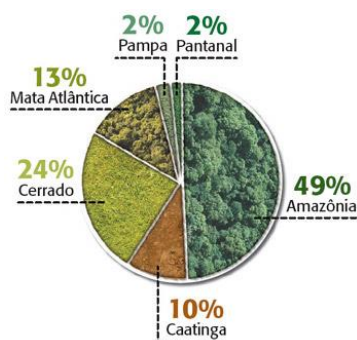
A terra não somente possui vida sobre ela. Ela mesma é viva. Ela combina o químico, o físico, o ecológico e o antropológico (humano) e é capaz de produzir e reproduzir a vida. E em função disso, a ONU, em abril de 2009 aprovou, por unanimidade que a Terra se chamasse Mãe Terra, Pachamama.

Em resumo, devemos mudar o nosso modo de olhar e nosso modo de nos relacionar com a terra, com a natureza e até conosco mesmos. Conhecer e respeitar seus ciclos de vida, sua capacidade de reprodução e não devastá-la como tem acontecido até agora. Só reconhecendo seu valor na medida em que nos é útil ou nos enriquece. A terra não precisa de nós, mas nós somos totalmente dependentes dela. Daí a necessidade de criar alternativas para superar a crise ecológica que vivemos e tende a se acentuar. Estas alternativas passam pela economia solidária, pela agricultura familiar e ecológica, pelo apostar em práticas alternativas e sustentáveis de produção e reciclagem. O conjunto dessas iniciativas se chama **biorregionalismo (defesa da vida em cada região específica)**. Bioma = comunidade de vida.

A CF 2017, ao nos apontar os vários biomas do Brasil, nos indica os vários núcleos ou as várias comunidades de vida com sua vegetação, sua fauna, seu clima e seus habitantes típicos. Temos a tarefa de fazer com que os habitantes de cada comunidade de vida entendam e valorizem o lugar onde vivem. Conhecer o tipo de solo, de florestas, de animais, as fontes de água, o rumo dos ventos, os climas. Trata-se de inserir as pessoas na cultura local, ajudá-las a reconhecer a sua comunidade de vida em suas estruturas sociais, urbanas e rurais, descobrir a sua história local, sentir-se filho e filha da terra e aí empenhar-se na busca da real sustentabilidade. Neste sentido os moradores originais de nossos biomas: indígenas, negros, quilombolas, e comunidades tradicionais testemunham o sentido e a importância de uma variedade saudável na sociedade brasileira ainda muito agarrada a um modelo de sociedade consumista e predadora.

Para aprofundamento: **Nós nos sentimos e agimos mais como partes da natureza ou como donos dela? Por quê?**

2º ENCONTRO: Amazônia e Caatinga



Chave de leitura: **Gênesis 1,26-33**

1. Qual a missão que Deus dá para o homem?
2. Qual a reação de Deus diante da variedade da criação?
3. Qual tem sido a nossa reação diante da natureza criada?

O ser humano, embora tendo um lugar especial, faz parte dessa criação. Não está colocado acima da natureza. Há uma interdependência entre todas as formas de vida. Nosso destino é comum. Somos responsáveis pela preservação da Criação de Deus. O domínio de que fala o texto não significa tirar proveito egoísta da criação. Criada à imagem e semelhança de Deus, a humanidade tem a missão de zelar da criação, ter o “cuidado de Deus”. Devemos cultivar e guardar a Criação.

Nosso país tem cerca de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, possui uma grande variedade de características naturais (solo, relevo, vegetação e fauna), onde são distintos ao menos seis biomas, seis comunidades de vida. Vamos olhar mais de perto cada um deles a começar da Amazônia e Caatinga.

O Bioma Amazônia. Este é o maior bioma do Brasil. Situa-se na região norte. Abriga uma enorme riqueza em biodiversidade. Muitas espécies de plantas e animais não foram ainda catalogadas e de muitas ainda não se descobriu suas propriedades terapêuticas. É um bioma muito visado por causa de seus bens naturais: madeira, borracha, castanha, peixe e minérios. Sua riqueza cultural inclui o conhecimento tradicional sobre os usos e a forma de explorar seus bens naturais sem esgotá-los nem destruir o habitat natural. A evaporação e transpiração da floresta produzem o chamado rio aéreo que leva água em forma de vapor pela região Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil. Por tanta riqueza, a Amazônia é ambicionada tanto em nível interno como por forças externas. É tão importante esse bioma que se diz que o futuro da humanidade passa pela Amazônia.

Desafios do Bioma Amazônia. No início a Amazônia foi vítima do sistema colonialista que só explorava suas riquezas. Esta política colonialista é a fonte de incontáveis conflitos na terra. Esta situação levou os bispos e prelados da Amazônia à criação de pastorais que acompanhassem homens e mulheres de comunidades inteiras que sofriam as mais variadas formas de agressão aos seus direitos e dignidade. Foi criada a Conselho Indigenista Missionário (CIMI) – 1972 e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) – 1975. Ainda assim, a Amazônia brasileira desaparecerá em 40 anos caso sejam mantidos os índices de desmatamento atuais. Cerca de 80% de sua população vive no meio urbano, com todos os problemas daí derivados: ausência de saneamento básico, aglomeração nas periferias, insalubridade, desemprego e outros desafios próprios de uma concentração urbana e desregulada. A preservação da Amazônia, atacada em todos os sentidos, é de interesse do povo brasileiro e do futuro de toda a humanidade.

O Bioma Caatinga (tupi guarani= mata branca). Situa-se no nordeste e norte de Minas Gerais. É o bioma brasileiro sobre o qual se tem mais desinformação e preconceitos. A vegetação da caatinga é dominada por plantas adaptadas ao clima seco e à pouca quantidade de água. Algumas armazenam água, outras possuem raízes superficiais para captar o máximo de água da chuva. Algumas dessas plantas podem produzir cera, fibra, óleo vegetal e, principalmente, frutas. A fauna da caatinga é bem diversificada, composta por répteis (principalmente lagartos e cobras), roedores, insetos, aracnídeos, cachorro-do-mato, arara-azul (ameaçada de extinção), sapo-cururu, tatupeba, sagui-do-nordeste, entre outros animais.

Desafios do Bioma Caatinga - A região enfrenta também graves problemas sociais, entre eles os baixos níveis de renda e de escolaridade, a falta de saneamento ambiental e os altos índices de mortalidade infantil. Desde o período imperial, tenta-se promover o desenvolvimento econômico na caatinga, porém, a dificuldade é imensa em razão da aridez da terra e da instabilidade das chuvas. A principal atividade econômica é a agropecuária. Alguns projetos de irrigação para a agricultura comercial são desenvolvidos no médio vale do São Francisco, o principal rio da região, juntamente ao Parnaíba. No entanto é um bioma rico, com grande biodiversidade. Tem uma cultura popular rica

em criatividade e resistência do povo nordestino. O clima seco, o sol abundante, há tanto tempo tratados como problemas, hoje são percebidos como potenciais poderosos para a geração de energia solar, para o cultivo de frutas.

Há todo um empenho de se perceber os potenciais da região e desenvolver um modo de vida adaptado a ele. Nos últimos 20 anos a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) formulou e construiu os projetos Um Milhão de Cisternas (P1MC). As águas da chuva acumuladas nestas cisternas são usadas para beber e produzir. Juntamente com este projeto e outras políticas públicas já não se repete a tragédia social e humanitária de outras épocas de seca. Diminuíram as migrações. Como superar o domínio dos coronéis modernos que só pensam no lucro e não medem as consequências sociais e o impacto na devastação da natureza?

APROFUNDAMENTO: O futuro da humanidade depende da harmonia entre o “cultivar” e o “guardar”. Com nossas ações, que tipo de futuro estamos construindo?

3º ENCONTRO: Cerrado e Mata Atlântica

Chave de leitura: **Gênesis 3,1-14**

1. Qual a pergunta da serpente para a mulher?
2. Qual é a proposta da serpente?
3. Qual foi a consequência da escolha do projeto de morte?

A serpente representa o projeto de morte. Pinta este projeto como se fosse o melhor para a humanidade. Traz autonomia, vida e progresso. É um projeto de “gente inteligente”. É apetitoso. Muitas vezes a humanidade deixa de ser cuidadora da criação e passa ser dona. Escolhe um tipo de

desenvolvimento apetitoso para o capital, mas desastroso para a criação. E aí vamos sentindo, como Adão e Eva, que estamos nus, quer dizer desprovidos das riquezas da natureza. Com esta atitude vamos introduzindo no planeta a violência contra a terra, os animais, as mulheres, os camponeses. É o que estamos vendo em nossos biomas brasileiros.

O Bioma Cerrado abrange as regiões do sudeste e centro oeste. O cerrado tem uma grande diversidade. Por isso fala-se mais em cerrados. Os Cerrados têm um papel fundamental no ciclo das águas brasileiras. Acumula as águas das chuvas em seu subsolo poroso. Contribui para a formação de grandes aquíferos nas regiões das chapadas. Eles são o berço do Rio São Francisco. Os Cerrados são fundamentais para conservação da Biodiversidade e dos Recursos Hídricos. O Cerrado tem uma grande biodiversidade. No entanto, várias espécies do Cerrado encontram-se na Lista das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção. Vale lembrar que os povos do cerrado têm uma grande riqueza cultural.

Desafios do Bioma Cerrado. Os cerrados estão sendo ocupados e explorados de forma desordenada pelo Agronegócio com a seu monocultivo. Ele é a grande “tentação da serpente”. Produzir mais, com agrotóxicos (poluindo a água, matando o solo) e transgênicos, para a exportação. Esse tipo de monocultivo exige o desmatamento de grandes áreas, vai-se apossando das terras das comunidades tradicionais, compacta os solos, modifica sua química e, por consequência, altera a vegetação, modificando o regime das águas. Tudo isto traz efeitos danosos a todo território brasileiro que precisa desses serviços ambientais. As pessoas não se identificam como parte da natureza, como dependente dela. Isto dificulta o avanço para práticas de cultivo alternativo e sustentável, menos nocivo ao solo e ao ser humano. Um exemplo claro dessa modificação danosa é a perda de umidade relativa do ar na região Centro-Oeste, já que existem poucas árvores com sua respectiva evapotranspiração para manter a umidade relativa do ar.

O Bioma Mata Atlântica é uma das áreas mais ricas em biodiversidade e mais ameaçadas do planeta. No início era mata fechada, rica de variedade animal e vegetal. Mesmo bastante explorada



tem um grande poder de regeneração. É uma grande esperança. Destaca-se neste bioma os manguezais que têm um papel especial para o planeta, muitos povos no Brasil e no mundo. Os manguezais, por estarem estabelecidos em áreas abrigadas, apresentam alta produtividade, são considerados como berçários naturais para muitas espécies de moluscos, crustáceos, peixes, répteis e aves, garantindo o crescimento e sobrevivência desses organismos. Os manguezais são os aparadores do mar, visto que sua vegetação desempenha função de fixação do solo, evitando processos de erosão.

Desafios do Bioma Mata Atlântica. Este Bioma encontra-se ameaçado pelo avanço dos grandes empreendimentos econômicos sobre os territórios tradicionais pesqueiros. A falta de consciência ecológica, a omissão e/ou conivência do poder público e a ganância capitalista tem provocado a degradação dos manguezais e a exclusão de comunidades tradicionais.

A concentração urbana rápida e sem planejamento, causou ocupação de áreas de risco, de mananciais, encostas de morros, compactou os solos, mudou o clima e a qualidade do ar pelos gases das indústrias e dos veículos movidos a combustíveis fósseis. A ausência de saneamento básico é outra grave ameaça. Grande parte dos esgotos das residências de áreas urbanas e rurais é despejada diretamente no mar e nos mangues, como também resíduos que não são descartados corretamente, causando um alto nível de poluição que compromete o equilíbrio do ecossistema. O Cerrado e a Mata Atlântica, já se encontram na lista mundial das áreas com grande diversidade que se encontram ameaçadas de extinção.

APROFUNFAMENTO: O atual processo de desenvolvimento baseado no lucro é insustentável e compromete a vida dos povos tradicionais e culturas locais. Qual é a nossa saída?



4º ENCONTRO: Pampa e Pantanal

Chave de leitura: **Provérbios 8,22-31**

1. Qual é o primeiro fruto da criação de Deus?
2. Qual é a missão da Sabedoria na obra criadora de Deus?
3. Como percebemos a sabedoria de Deus no nosso convívio com a natureza criada?

O texto acima nos mostra que todas as coisas criadas têm sua origem em Deus. A sabedoria é a primeira obra da criação. Ela toma parte ativa em todas as outras coisas criadas por Deus. “Ela estava junto com Ele como mestre de obras” (5). Cada ato criador de Deus é manifestação de sua sabedoria eterna. Do mesmo modo que a sabedoria estava presente nos atos da criação de Deus, ela deve estar no nosso relacionamento com a natureza criada para sermos fieis ao projeto da vida. Quando somos tomados pela sabedoria de Deus a nossa convivência com todas as criaturas na terra vai ficando mais harmoniosa, gostosa de ser desfrutada, com muita solidariedade e alegria. E assim vamos recuperando o jardim original de nossos biomas.

O Pantanal e os Pampas são ameaçados pelas atividades agropecuárias que comprometem o sistema de cheias dos rios no Pantanal e contribuem para o processo de desertificação do solo nos Pampas.

O Bioma Pampa. Trata-se de um Bioma localizado no estado do Rio Grande do Sul. Segundo sua origem indígena significa “região plana”. O Pampa gaúcho foi território de várias etnias de povos indígenas com destaque ao Povo Guarani. Apesar de serem massacrados resistem até hoje. No começo desta resistência destaca-se a figura do líder guarani Sepé Tiaraju, morto em uma emboscada pelos exércitos de Espanha e Portugal. Três dias depois de sua morte mais de 1500 Guaranis foram massacrados. A sabedoria que acompanhava a criação de Deus foi muito sacrificada nestes massacres.

As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, com de diversidade de matas. O Pampa gaúcho, mesmo sendo dominado pelo latifúndio, tem muitas famílias de pequenos agricultores, donde surgiu o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que luta por uma reforma agrária. Está localizado no Pampa grande parte do Aquífero Guarani, que é uma reserva estratégica de água doce não só para o Rio Grande do Sul, mas para todo o Brasil e América Latina. Ele é fundamental na manutenção de toda a biodiversidade.

Desafios do Bioma Pampa. Este é ameaçado pelo domínio das monoculturas do gado, eucalipto, acácia e pinus. Esses monocultivos são denominados pelos Movimentos Sociais de “Deserto Verde”, exatamente por que são extremamente nocivos ao meio ambiente, prejudicando profundamente a fauna e a flora originais do Pampa.

O Bioma Pantanal. O Pantanal é a maior planície alagável do mundo. Ele faz a ligação entre as duas maiores bacias da América do Sul: a do Prata e a Amazônia, o que facilita a dispersão e troca de espécies de fauna e flora entre essas bacias. O Pantanal apresenta ainda um alto índice de preservação de sua formação original, cerca de 84,6%. Depende muito do ciclo das chuvas. Predomina o monocultivo do gado, da cana-de-açúcar e da soja.

Desafios do Bioma Pantanal. O uso de insumos agrícolas ameaça a contaminação de solos e dos recursos hídricos. Qualquer impacto negativo nas nascentes e cabeceiras dos rios pode alterar de forma drástica toda a planície inundável. Programas do Regime Militar Brasileiro, como o Pró-Várzeas tiveram efeito negativo sobre essas áreas alagadas, drenando-as para facilitar o cultivo de monoculturas, ignorando seu papel na regulação do fluxo de água, das nascentes, de “ninhos” da biodiversidade.

O Pantanal sofre os efeitos do desmatamento, queimadas e assoreamento de rios. O crescente número de usinas hidrelétricas está modificando o ciclo hidrológico; a hidrovía em discussão e a produção de carvão ameaçam a cobertura vegetal da região.

APROFUNDAMENTO: Como integrar a justiça e o cuidado com as minorias nos debates sobre o meio ambiente?

5º ENCONTRO: Cuidar da Criação

Chave de leitura: **Gênesis 2, 15-17**

1. Qual é a missão do Homem no Jardim do Éden?
2. Qual a ordem de Deus?
3. Qual tem sido a nossa atitude diante da árvore do conhecimento do bem e do mal?

A história da criação nos conta que Deus criou a terra para que o Homem usufruísse dela e tivesse vida plena (árvore da vida). Deus põe uma condição: que o Homem seja fiel e obedeça ao seu projeto. Suas decisões não podem perder o referencial da “árvore da vida” que é o projeto de Deus.

O lema da CF 2017 nos convida a ter a atenção cuidadosa de Deus pela criação: “Cuidar da Criação” (Gn 2,15). Ter os sentimentos de Deus pela sua obra criada. “Ele viu que tudo era bom” (Gn 1,31). Passou para nós a tarefa de “cuidar da Criação”. Esta tarefa tem como referencial o projeto do jardim do *Éden*. *Éden* quer dizer delícia, prazer. Este cuidado tem a dimensão da harmonia de vida nas relações nesse jardim das delícias (Gn 2,8 e 15).

O plano do criador é que façamos de todos os continentes, de fato, um jardim de delícias, não só pelos frutos que a terra produz, atraentes e saborosos ao paladar (cf. 2,9) mas também pela convivência que estabelecemos no dia a dia da vida. Nossa missão é cultivar esse jardim e dele cuidar. Manter a sua sustentabilidade. É ser cuidadoso com todas as formas de vida, com todos os biomas. Todos os seres são obra de Deus e neles podemos perceber o rosto sagrado do criador. Estabelece-se, assim, uma relação de intimidade entre o sagrado e suas criaturas, entre as pessoas e os demais seres desse imenso jardim.

O cuidar da Criação deve levar em conta a diversidade dos povos, suas culturas, e da natureza com seus biomas. A diversidade é dom de Deus. Fruto de seu Espírito na Vida e na História. O cuidado vai além da conservação. É responder aos apelos da “criação que geme e sofre em dores de parto” (Rm 8,22). Cuidar é também criar novas possibilidades, aperfeiçoar a criação. Deste modo, a exemplo de Jesus Cristo, “vamos levando a história à sua plenitude, reunindo o universo inteiro, tanto as coisas celestes como as terrestres, sob uma só cabeça, Cristo” (Ef 1,10).

Sabemos que em nossa existência no planeta Terra, “tudo está interligado”. O Papa Francisco deixa claro na *Laudato Si'* que não faz sentido cuidar bem da ecologia e descuidar do social, descuidar

dos pobres e necessitados. Os bens da criação pertencem a todos. Assim, uma verdadeira preocupação ecológica sempre estará marcada por uma preocupação social. Diz o Papa: “É preciso ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49). “A unidade é superior ao conflito” (LS 198) Não há como resolver o problema da Ecologia, sem ao mesmo tempo, resolver o problema social.

Nossa vocação e nossa missão no mundo é nos responsabilizar pelo bem comum, por toda a realidade social e ambiental, com especial atenção pelo que é mais fraco. Deus continua a nos pedir conta do sangue de nossos irmãos (cf. Gn 4,10-11). O Catecismo da Igreja Católica (nº 340) afirma que “a interdependência das criaturas é querida por Deus. O sol e a lua, o cedro e a florzinha, a águia e o pardal (...) nenhuma criatura se basta a si mesma. Elas só existem na dependência umas das outras, para se completarem mutuamente no serviço umas das outras.” Assim, como não nos preocuparmos com o pobre que vive e sofre ao nosso lado?

Todos podemos colaborar no cuidado da Casa Comum, cada um a partir da sua cultura... (LS n. 14). O cuidado com a criação hoje está sendo dificultado pela economia de mercado. Ela apodera-se da técnica e oferece “àqueles que detêm o conhecimento e, sobretudo, o poder econômico para desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e sobre o mundo todo” (LS, n. 104). Deste modo os biomas vão sendo destruídos e as populações mais vulneráveis vão sendo cada vez mais exploradas. As tecnologias, orientadas pelo lucro, escondem a dimensão da transcendência. Acham que podem resolver todos os problemas ecológicos. No entanto, “o mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social” (LS, n. 109).

A CF 2017 nos convida a ficar atentos às atrações da “árvore do bem e do mal” que é o projeto de morte. Na hora que aceitamos este projeto (comer do fruto da árvore do bem e do mal” a criação será tomada pela desarmonia e opressão. Em vez de cultivar e cuidar, o homem passa apenas a tirar proveito da criação.

APROFUNDAMENTO: Cuidamos da ecologia e do pobre como os dois lados de uma mesma moeda? O que Deus pede de nós hoje?

6º ENCONTRO: Ensino Social da Igreja

Chave de Leitura: **Mateus. 5,13-16**

1. Qual a nossa missão no mundo?
2. O que acontece quando o sal e a luz não funcionam?
3. Como estamos sendo sal e luz na Criação de Deus?

A missão do sal é temperar. Dar gosto, cheiro. Nosso entrelaçamento com a obra criada deve manter e aperfeiçoar o cheiro original da criação. Cheiro de vida, do bem viver. Por isso o sal não pode ficar na saleira. Devemos estar envolvidos com a criação de Deus. Nossa omissão dá ocasião para o projeto de morte dar um outro cheiro para a criação. O nosso cuidado e o cultivo do mundo depende de sermos luzes acesas para testemunhar o projeto do Jardim de Deus. Devemos estar atentos porque o “apagão” do projeto de morte não brinca em serviço.

A Igreja, sal e luz, é sinal do Reino. É uma Igreja em saída que procura andar em dois trilhos: o da fé comprometida e do bem comum que é a vivência concreta da fé. Estes dois trilhos estão assentados em três “dormentes”: 1. Vida do povo que questiona a nossa fé e o nosso modo de fazer política. 2. Conscientização, a partir da prática de Jesus procura trabalhar uma sociedade mais de acordo com o projeto do Jardim. 3. Movimentos sociais, procuram organizar e mobilizar o povo em função do bem comum.

Dentro da sua missão de ser sinal do Reino a Igreja desenvolve orientações pastorais, princípios de ação dos cristãos no campo social. É o que chamamos de Ensino Social da Igreja. Este ensino faz parte de sua natureza. Não tem como ser Igreja separando vida de fé da vida sócio-política. O zelo pelo bem comum é consequência de nossa fé. É parte integrante do seguimento de Cristo. Tudo o que diz respeito à natureza humana deve ressoar no coração da Igreja. (Cf. GS 1). Seremos salvos pela solidariedade humana.

O Ensino Social da Igreja não é um conjunto de receitas. Ele vai surgindo do encontro da mensagem da Boa Nova com os desafios da vida no mundo. A partir daí vão surgindo os documentos do Magistério que vão compondo este conjunto chamado Ensino Social da Igreja. Seu grande empenho é realizar o programa de Jesus anunciado na sinagoga de Nazaré (Lc 4,14-21). Procura trabalhar a cidadania eclesial-sócio-política. Ele é a expressão viva de uma Igreja em saída. É o campo próprio do leigo. Os últimos papas têm insistido muito nos compromissos sociais da Igreja com a obra criada por Deus.

A Conferência de Aparecida, reafirmando as propostas do Vaticano II (1962-1965) e de Medellín (1968), lembra o compromisso da Igreja com a variedade da Criação de Deus. “É importante cuidar dela como casa de todos os seres vivos e matriz da vida do planeta” ... Recomenda que” é urgente aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório, e apoiá-las em seus esforços, para conseguir equitativa distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos” (n. 474 a,b).

Papa Francisco reforça o Ensino Social da Igreja com sua Exortação Apostólica *Laudato Si*. Constata que as mudanças ambientais afetam a vida como um todo, sobretudo os mais pobres. Fala da urgência da nossa conversão ecológica que vai nos levar a rever nosso estilo de vida. É hora de passar do que eu quero para o que o planeta precisa. Lembra a interligação das relações fundamentais com Deus, com o próximo e com a terra.

Ultimamente nossas Campanhas da Fraternidade têm procurado vivenciar o Ensino Social da Igreja. Têm sido um esforço de avaliar as relações entre o ser humano, a defesa da vida, o cuidado da casa comum dentro de uma ecologia integral.

Aprofundamento: Como podemos crescer no conhecimento do Ensino Social da Igreja?

7º -ENCONTRO: Educação para a Ecologia Integral

Chave de leitura: **Mateus 6,24-34**

1. Qual era a preocupação dos ouvintes de Jesus?
2. Qual é a lição dos pássaros e dos lírios para a nossa vida?
3. O que devemos buscar primeiro?

Jesus via nos seus ouvintes muita preocupação com a comida e com a roupa. Mandou que eles observassem a lição dos pássaros e dos lírios do campo. Jesus não está dizendo para o povo se acomodar. Ele faz o convite para uma opção entre o projeto de Deus que é gratuidade, cuidado, justiça e o projeto do dinheiro que coloca o consumismo, a ganância acima da vida. Jesus adverte: buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e o resto vem por acréscimo. Quando o projeto de Deus e sua justiça for o referencial de nossa vida estaremos frequentando a escola para a educação da ecologia integral.

A CF 2017, motivada pela proposta da *Laudato Si*, quer nos motivar a dar um passo à frente em nossa compreensão da ecologia. Quer que todos nós entremos no processo educativo da “*ecologia integral*” (n.137). Ela envolve todos os campos, o ambiental, o econômico, o social, o cultural, o espiritual e também a vida cotidiana (n. 147-148). Todos os seres, mesmo os menores, estão envolvidos em laços de conexões. Nada existe fora da relação. Papa Francisco lembra que os pobres que testemunham também sua forma de ecologia humana e social, vivendo laços de pertença e de solidariedade de uns para com os outros (Cf LS.149).

A educação ecológica é a escola do bem viver, do entrelaçamento. Ela tem sua inspiração no plano criador de Deus Uno e Trino, recriado pelo projeto do Reino de Deus em Jesus Cristo. Não é

uma educação feita à distância, é presencial. É uma escola de campo. Jesus inicia esta escola com sua encarnação e nos ensinou a contemplar a variedade e a interação da criação (Cf Mt 6,26-30). A educação ecológica começa com um encontro pessoal com Jesus, mestre da nova recriação. Este encontro é a conversão: mudança de mentalidade, de estilo de vida em relação a Deus, à comunidade e ao planeta. A verdadeira conversão é também ecológica. Através dela vamos deixando de ser auto referências, individualistas. Vamos eliminando o consumismo que gera um vazio dentro das pessoas e compromete o planeta. Vamos sentindo que “precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena sermos bons e honestos” (LS.229)

A Educação para a ecologia integral vai acontecendo no nosso dia a dia, através de “simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (LS. 230). Para que ela possa criar um dinamismo de mudança duradoura, deve ser também uma conversão comunitária” (Cf.LS 219). Em comunidade fazemos a experiência da gratuidade e do “reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça ... Aprendemos a contemplar o mundo não a partir de fora mas dentro do mundo, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres” (LS 220).

Através da Laudato Si aprendemos que a educação para a ecologia integral é uma prática de vida onde “a sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de petiscar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece” (LS.223).

Aprofundamento: Como podemos trabalhar em nossas comunidades a educação para uma Ecologia Integral?

8º -ENCONTRO: Educação para o Bem Viver

Chave de leitura: **Gênesis 9, 8-17**

1. Que tipo de Aliança que Deus faz com Noé?
2. Qual o sinal desta Aliança?
3. Nossa Aliança com Deus tem sido ecológica?

O livro do gênesis nos diz que a humanidade se desviou do projeto de Deus. Quis construir seu próprio projeto baseado no seu bem estar. Isto trouxe degradação para o povo e desfiguração da criação que passa a ser objeto de interesses. Esta situação provocou o dilúvio que trouxe um grande estrago para a criação. Através do texto lido vimos que nem tudo ficou perdido. O projeto de Deus vai ser reconstruído através de Noé, um homem justo. Com ele começa uma nova criação. Deus faz uma Aliança não só com Noé e seus descendentes, mas com toda a obra criada. Deus faz uma Aliança ecológica. O sinal desta Aliança é o arco íris, expressão da totalidade e da universalidade.

O mundo em que vivemos passa por um dilúvio. Não de água, mas de destruição da natureza provocada pelo atual sistema de desenvolvimento consumista. É urgente mudar nosso estilo de vida. Passar do bem estar para o **bem viver**. Esta mudança de comportamento é um compromisso de levantar a bandeira da ecologia integral que envolve todos os campos, o ambiental, o econômico, o

social, o cultural, o espiritual e também a vida cotidiana (n. 147-148). Isto significa um estilo sustentável de vida. Todos os seres, mesmo os menores, estão envolvidos em laços de conexões. Nada existe fora da relação. Papa Francisco lembra o exemplo que os pobres testemunham com sua forma de ecologia humana e social, vivendo laços de pertença e de solidariedade de uns para com os outros (Cf LS.149).

A educação para o **bem viver** tem sua inspiração no plano criador de Deus Uno e Trino, recriado pelo projeto do Reino de Deus em Jesus Cristo. Não é uma educação feita à distância, é presencial. É uma escola de campo. Jesus inicia esta escola com sua encarnação e nos ensinou a contemplar a variedade e a interação da criação (Cf Mt 6,26-30). Deixou para nós a cartilha das bem aventuranças onde podemos destacar três princípios básicos do bem viver: “bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus (princípio religioso); bem aventurados os mansos porque possuirão a terra (princípio político); bem aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia (princípio ético)”(P. Nelito). A vivência das bem aventuranças é a concretização do **bem viver**. É fruto de uma conversão que produz uma mudança de mentalidade, de estilo de vida em relação a Deus, à comunidade e ao planeta. Vamos eliminando o consumismo que gera um vazio dentro das pessoas e compromete o planeta. Vamos sentindo que “precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena sermos bons e honestos” (LS.229)

Papa Francisco nos lembra que a educação para o **bem viver** vai acontecendo no nosso dia a dia, através de “simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (LS. 230). Para que ela possa criar um dinamismo de mudança duradoura, deve ser também uma conversão comunitária” (Cf.LS 219). Em comunidade fazemos a experiência da gratuidade e do “reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça ... Aprendemos a contemplar o mundo não a partir de fora mas dentro do mundo, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres” (LS 220).

O grande desafio do agir desta CF 2017 é descobrir e vivenciar práticas do **bem viver** em nossa vida pessoal, comunitária e social. A Laudato Si ilumina o agir da CF 2017 quando nos diz que “a sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de petiscar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece” (LS.223).

Aprofundamento: Quais as práticas do bem viver podemos assumir nesta CF 2017?

9º -ENCONTRO: Educação para o Bem Viver

Chave de leitura: **Gênesis 9, 8-17**

1. Que tipo de Aliança que Deus faz com Noé?
2. Qual o sinal desta Aliança?
3. Nossa Aliança com Deus tem sido ecológica?

O livro do gênesis nos diz que a humanidade se desviou do projeto de Deus. Quis construir seu próprio projeto baseado no seu bem estar. Isto trouxe degradação para o povo e desfiguração da criação que passa a ser objeto de interesses. Esta situação provocou o dilúvio que trouxe um grande estrago para a criação. Através do texto lido vimos que nem tudo ficou perdido. O projeto de Deus vai ser reconstruído através de Noé, um homem justo. Com ele começa uma nova criação. Deus faz uma Aliança não só com Noé e seus descendentes, mas com toda a obra criada. Deus faz uma Aliança ecológica. O sinal desta Aliança é o arco íris, expressão da totalidade e da universalidade.

O mundo em que vivemos passa por um dilúvio. Não de água, mas de destruição da natureza provocada pelo atual sistema de desenvolvimento consumista. É urgente mudar nosso estilo de vida. Passar do bem estar para o **bem viver**. Esta mudança de comportamento é um compromisso de levantar a bandeira da ecologia integral que envolve todos os campos, o ambiental, o econômico, o social, o cultural, o espiritual e também a vida cotidiana (n. 147-148). Isto significa um estilo sustentável de vida. Todos os seres, mesmo os menores, estão envolvidos em laços de conexões. Nada existe fora da relação. Papa Francisco lembra o exemplo que os pobres testemunham com sua forma de ecologia humana e social, vivendo laços de pertença e de solidariedade de uns para com os outros (Cf LS.149).

A educação para o **bem viver** tem sua inspiração no plano criador de Deu Uno e Trino, recriado pelo projeto do Reino de Deus em Jesus Cristo. Não é uma educação feita à distância, é presencial. É uma escola de campo. Jesus inicia esta escola com sua encarnação e nos ensinou a contemplar a variedade e a interação da criação (Cf Mt 6,26-30). Deixou para nós a cartilha das bem aventuranças onde podemos destacar três princípios básicos do bem viver: “bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus (princípio religioso); bem aventurados os mansos porque possuirão a terra (princípio político); bem aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia (princípio ético)”(P. Nelito). A vivência das bem aventuranças é a concretização do **bem viver**. É fruto de uma conversão que produz uma mudança de mentalidade, de estilo de vida em relação a Deus, à comunidade e ao planeta. Vamos eliminando o consumismo que gera um vazio dentro das pessoas e compromete o planeta. Vamos sentindo que “precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena sermos bons e honestos” (LS.229)

Papa Francisco nos lembra que a educação para o **bem viver** vai acontecendo no nosso dia a dia, através de “simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (LS. 230). Para que ela possa criar um dinamismo de mudança duradoura, deve ser também uma conversão comunitária” (Cf.LS 219). Em comunidade fazemos a experiência da gratuidade e do “reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça ... Aprendemos a contemplar o mundo não a partir de fora mas dentro do mundo, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres” (LS 220).

O grande desafio do agir desta CF 2017 é descobrir e vivenciar práticas do **bem viver** em nossa vida pessoal, comunitária e social. A Laudato Si ilumina o agir da CF 2017 quando nos diz que “a sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de petiscar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece” (LS.223).

Aprofundamento: Quais as práticas do bem viver podemos assumir nesta CF 2017?

Textos de apoio

Seminário Nacional do Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social

PRECISAMOS REESCREVER O FUTURO

AGORA!

Vimos de todos os estados brasileiros, do Distrito Federal, das comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, da agricultura familiar, das cidades, dos movimentos sociais e populares do campo, das florestas, das águas e das cidades, todos violentados por projetos extrativistas e de infraestrutura como hidrelétricas, termelétricas, energia eólica e nuclear, transposição de rios, mineração, pecuária, extração de fontes fósseis (convencionais e não convencionais), expansão da monocultura e do agronegócio, agrotóxicos, projetos de créditos de carbono, desastres ambientais que geram migrações forçadas e projetos urbanos que expulsam comunidades. Em Brasília, no Seminário Nacional do Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social, de 25 a 28 de outubro de 2016, refletimos sobre as mudanças climáticas, socializamos os gritos, nos fortalecemos para enfrentar os megaprojetos patrocinados pelo sistema capitalista, por meio de corporações e governos que atentam contra a vida da Mãe Terra, de suas Filhas e Filhos.

Motivados pela espiritualidade dos povos da floresta, das águas, do campo e das cidades, em uma só voz denunciemos as faces desse desenvolvimento perverso, que produz o Ecocídio, o Etnocídio e o Genocídio da Mãe Terra e alimenta o capitalismo financeirizado, globalizado e agressivo. Denunciamos a falácia da “Economia Verde”, que mercantiliza e privatiza rios, oceanos, florestas, o ar e a Mãe Terra, expulsando suas filhas e filhos em favor de projetos que produzem morte cultural, econômica, social e organizacional de povos e comunidades tradicionais, camponeses e comunidades urbanas.

Somando-se à voz dos povos originários, a ciência revelou que chegamos a uma nova época geológica, chamada de “Antropoceno”. Nele, a humanidade, com uma responsabilidade bem maior por parte dos mais ricos e que mais consomem, tornou-se uma força indutora de impactos profundos e irreversíveis em escala global. Impactos que incluem a 6ª grande extinção de espécies da história terrestre, um domínio destrutivo sobre a maior parte das terras e da água doce, a acidificação dos mares, a destruição da camada de ozônio. Incluem, sobretudo, uma radical mudança do clima da Terra provocada pelo aumento exponencial da concentração dos gases de efeito estufa pela queima de combustíveis fósseis, desmatamento, etc. São frutos envenenados de uma economia da morte.

As mudanças climáticas já aumentaram em 1,2°C a temperatura do planeta desde o início da era industrial, provocando efeitos extremos, tais como furacões, secas, tempestades, ondas de calor, elevação crescente do nível do mar. Ameaçam a vida de milhões de seres humanos e de outras espécies. É o maior desafio jamais posto diante da humanidade. Precisamos agir para deter essas mudanças. O causador destas aflições é o modo capitalista de desenvolvimento, que prioriza o lucro e a acumulação, e não o atendimento das reais necessidades materiais e imateriais da humanidade, que confunde desenvolvimento com mero crescimento físico. Estamos perto de esgotar os bens naturais e é urgente determos a voracidade do crescimento capitalista. Constatamos que, sem superar o sistema do capital, o Planeta mergulhará no caos e a vida nas formas conhecidas desaparecerá. Para viver, precisamos de alimentação boa e saudável, beleza e amor, e não de alimentos e água contaminados, pobreza e egoísmo.

A produção contínua de desigualdades sociais e a destruição de comunidades humanas e seus modos de reprodução ampliada da vida tornam o sistema insustentável. **De quanto tempo a fração privilegiada da humanidade vai precisar para descobrir que não se come dinheiro nem se bebe petróleo?**

O predomínio antagônico do homem sobre a mulher e sobre a Mãe Terra, de nossa espécie sobre as demais, do capital sobre o trabalho, da riqueza material sobre a não material, da ilusão de que a técnica resolve tudo, e das corporações sobre os povos da Terra anula o sentido participativo da democracia. Reconstruir as sociedades humanas de baixo para cima começa com a organização de comunidades intencionais onde as pessoas vivem e trabalham. Produzir e consumir localmente; partilhar solidariamente nossos excedentes; promover saúde coletiva; garantir espaços de mobilidade ativa, ferrovias para passageiros e cargas, e transporte público includente, multimodal e de qualidade; assegurar terra para quem dela necessita para viver e trabalhar; universalizar a permacultura, a agrofloresta e a agroecologia; acolher os que sofrem as mazelas espalhadas pelo capital; receber refugiados climáticos com braços, portas e fronteiras abertas para a partilha; construir uma economia do suficiente (bens materiais), e da abundância em qualidade de vida - lazer, comunicação, artes, amizade, amor, felicidade, criando o ambiente político, social, natural e espiritual propício para que cada pessoa desenvolva sempre mais plenamente seus potenciais individuais e coletivos - este é o sentido maior da vida humana.

A economia da vida promove a descentralização do poder político, econômico e cultural, e a valorização da unicidade (comunidade da vida que habita a Casa Comum) e da diversidade humana e biológica. Promove o empoderamento das comunidades para planejarem e implementarem o seu próprio desenvolvimento de forma autogestionária, solidária, sustentável, e articuladas entre si em escala sucessiva até o âmbito nacional e global. Com a posse compartilhada dos bens produtivos e o planejamento participativo superam-se os riscos da superprodução, do descarte e da especulação; em vez da privatização, o cuidado e a partilha dos bens comuns. A matriz energética se reerguerá num modelo descentralizado de produção e consumo da escala comunitária até a nacional. A educação para a vida ensinará valores e métodos da partilha dos bens produtivos e da troca solidária, ou doação dos excedentes, da reciprocidade voluntária, da restauração e da conservação dos ecossistemas.

O futuro escrito pelo capital é de destruição e morte, mas já está sendo reescrito na sabedoria representada pelos povos originários e demais comunidades tradicionais, e por outras formas de comunidades intencionais, como comunidades camponesas, ecovilas e ecocidades. **Aprendamos com eles o modo de vida simples, compartilhado e rico de tradições ancestrais, o seu cuidado com o meio natural e a sua espiritualidade enraizada na Mãe-Terra, na perspectiva da construção de sociedades do bem viver!**

Brasília, 28 de outubro de 2016

O despertar da consciência de pertencimento ao Bioma e o projeto do Bem Viver

Pe Nelito Dornelas

A Campanha da Fraternidade do próximo ano terá como tema: Fraternidade: os Biomas Brasileiros e a Diversidade da Vida e como lema: Cultivar e Guardar a Criação (Gênesis 2,15)

O Brasil é composto majoritariamente por seis biomas, a saber: Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, Pampa, Pantanal e Amazônia. *Um bioma é formado por todos os seres vivos de uma determinada região, cuja vegetação é similar e contínua, cujo clima é mais ou menos uniforme, e*

cuja formação tem uma história comum. Por isso, a diversidade biológica também é parecida. (MALVEZZI, 2007).

A redescoberta dos biomas como condição fundamental na constituição da comunidade de vida que dele nasce e se sustenta é bem parecido com o conceito de *Bem Viver* dos povos Quéchuas e Aymaras dos Andes.

Bem viver não é o mesmo que viver bem, mas é algo como *vida em plenitude*, muito semelhante com a proposta de Jesus: *Eu vim para que todos tenham vida*.

Quando se fala de vida em plenitude, está se fazendo uma referência a viver em harmonia entre o material e o espiritual, consigo mesmo e com a Mãe Terra. Em última instância, saber conviver com tudo o que nos rodeia, com a comunidade de vida.

No momento em que o mundo ocidental vive uma crise profunda – na realidade, produto de múltiplas e profundas crises, crise financeira, social, política, climática, alimentícia e, no fundo, uma crise de vida, e de modelo estrutural e de civilização –, é nesse momento em que se vê o *Bem viver* como um novo paradigma que pode nos ajudar a sair do caos em que vivemos.

Bem viver é sair da dicotomia entre ser humano e natureza. É despertar para uma consciência de que somos filhos da Mãe Terra, da **Pachamama**, e tomar consciência de que somos parte dela, de que dela viemos e com ela nos complementamos.

Nesse sentido, há a necessidade de se criar uma lei dos **Direitos da Mãe Terra**, da **Pachamama**. E, mais uma vez, voltamos a ver uma forma híbrida entre um conceito ocidental e moderno, como é o caso dos direitos, e um oriental e milenar. **Direitos da Pachamama** é uma metáfora que hoje, confronta com diferentes formas de pensar e de viver, na busca de um novo paradigma, de uma nova forma de vida.

O que é desenvolvimento? O que é progresso? A consciência de pertença a um *bioma* específico tem nos ensinado que o desenvolvimento não pode ser medido com uma série de indicadores econômicos, cujo motor do desenvolvimento é o avanço tecnológico, colocando as pessoas em posição de supremacia frente à natureza e em um vale-tudo para alcançar a sociedade do bem-estar, esse modelo exportado da Europa e que também se refere aos grandes interesses econômicos, que nos impuseram o capitalismo depredatório como modelo sócio econômico. Progresso são os índices do PIB e da renda per capita mais elevados, mesmo que seja às custas da deterioração social e ambiental, como a que nos levou a essa crise de civilização que sofremos.

Nesse novo paradigma do *Bem viver* aprendemos que o que importa não é viver melhor, mas sim a viver bem com menos. Ele precisa ser um marco na educação. Precisamos criar uma ética de *Bem viver* e reconstruir um pensamento e uma forma de vida mais comunitária, com outras formas de repensar as relações interpessoais e a economia, um equilíbrio entre a cultura e a Mãe Terra, em que a complementaridade ou a reciprocidade sejam as duas faces de uma mesma moeda.

Aqui temos de ver como passar da teoria à prática: repensar e caminhar em direção a novos paradigmas e, no plano econômico, desenvolver a economia comunitária, sustentável, solidária e popular.

Novamente, temos que aprender muito com o mundo dos povos originários e tradicionais, com seu sistema de organização tradicional, a comunidade, mas não entendida como um conjunto de indivíduos, mas sim como um todo complementar entre as pessoas, os animais, o ar e a irmã e Mãe Terra. Assim, ao sairmos da concepção humanista e individualista, não é possível conceber o termo *recurso*, mas como *bem*, *dádiva* e, portanto, tudo é complementar e tudo contribui e recebe, de forma comunitária.

E se isso pode ser aplicado à microeconomia, mediante o *Bem viver* que nada mais é do que essa reciprocidade, em que se dá sem esperar nada em troca, e também se recebe –, temos que ver como repensamos o *Bem viver* em nível macroeconômico, onde o Estado tem que se converter em um ente redistribuidor da terra e da riqueza, e preservador dos bens naturais. E o mesmo vale para as relações internacionais, em que haja a complementaridade e a reciprocidade.

Saindo da lógica ocidental, eurocêntrica e moderna, repensando a nós mesmos e aquilo que nos rodeia, poderemos começar uma verdadeira descolonização e uma aproximação ao Bem Viver.

1- Bem Viver não é o viver bem, é muito mais, é evangelho puro

Os princípios básicos do Bem viver dialogam com a nova consciência de pertencimento a um bioma e faz parte de uma espiritualidade esclarecida e comprometida com a libertação integral das pessoas e da natureza. Destaque-se a centralidade do respeito aos empobrecidos como sujeitos da história e não como vítimas condenados ao fracasso ou destinatários de nossas ações assistenciais. Nomeia-se como o lugar de onde provém a legitimidade dessa espiritualidade, a própria vida ameaçada, seja pelo sistema socioeconômico e cultural, pela opressão e exclusão nas relações de gênero e de etnia, bem como, a destruição da natureza e do meio ambiente e a mercantilização da vida. Encara-se o planeta Terra não como um lugar cheio de recursos a serem explorados, mas como um organismo-casa, do qual também fazemos parte como uma comunidade de vida, assumindo como primeira aliança estabelecida pelo Criador, não com Abraão, que é uma aliança de fé, mas com Noé, uma aliança ecológica.

Nessa linha de pensamento, deparamo-nos com a proposta do *Bem viver* que é um conceito que visa recriar, diante do fracasso das políticas econômicas neoliberais adotadas pelos governos da maioria dos países a partir da década de 1990, um antigo conceito de povos andinos como os *Quetchua* e *Aymará*. No período de mobilização popular contra as políticas neoliberais, este projeto de vida coletiva ganhou novo conteúdo, nova forma e tamanha força que foi incorporado às Constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009). Isso despertou a atenção de grupos e movimentos libertários em vários países, que o *Bem viver* entrou na agenda de um número cada vez maior de movimentos sociais, pastorais sociais, grupos e pessoas de todo o mundo.

O Bem viver refere-se a duas palavras com significados semelhantes em *Quéchuá* e em *Aymará*: *sumak* muito bom, e *kawsay* ou *camaña* conviver. Sua ideia central é a vida em harmonia: harmonia consigo mesmo, com as outras pessoas do mesmo grupo, com grupos diferentes, com a *Pachamama*, a Mãe Terra e seus filhos e filhas de outras espécies e com as realidades espirituais.

O *Bem viver* implica em se construir uma sociedade fundamentada nos *sete caminhos para a paz*. O primeiro é a paz para *trás*: com o nosso passado pessoal e coletivo; o segundo é a paz para *frente*: com as gerações futuras; o terceiro é a paz para o *alto*: com a divindade; o quarto é a paz para *baixo*: com o ambiente no qual se vive; o quinto é a paz para a *direita*: com os vizinhos; o sexto, a paz para a *esquerda*: com a família e o sétimo: a paz para *dentro*: consigo mesmo.

Os princípios do *Bem viver* dialogam com a proposta das *bem aventuranças* proclamadas por Jesus¹. Das oito bem aventuranças, destaquemos três: *bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus* (princípio religioso), *bem aventurados os mansos porque possuirão a terra* (princípio político) e *bem aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia* (princípio ético).

Como afirma o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira (2013), o *Bem viver* constitui-se numa alternativa espiritual, política, econômica, cultural e social ao sistema produtivista-consumista ao afirmar que a terra não é um grande depósito de recursos naturais a serem explorados para produzir riquezas, mas sim a mãe de todas as espécies de vida. O ser humano compõe esta comunidade de vida e com ela estabelece teias de relações. Em vez de extrair / transformar / consumir / descartar, a economia deve ser regida pelo princípio do respeito à terra. Ela é mãe generosa, e mesmo não sendo rica, nada nega a seus filhos e filhas. Mas nós, gente mimada e insensata, a exploramos, tudo exigindo e nada retribuindo. Mesmo adoecida e desgastada como está hoje, a terra continua a nos oferecer aquilo que durante milênios produziu e conservou em seu seio. Só o respeito aos Direitos da Terra poderá resgatar sua saúde e favorecer nosso *Bem viver*, *Pertencer*, *Conviver* e *Ser*.

É evidente que, se todos os direitos da terra forem respeitados, a produção de riquezas sofrerá uma drástica redução. Mas, pensando bem, mais cedo ou mais tarde o *apagão* dos recursos naturais obrigará nossa espécie a viver pobremente. Trata-se de iniciar desde agora o processo de redução geral de riquezas e nos prepararmos para um modo de vida mais simples.

As CF vêm assumindo este debate sobre o *Bem viver*, visando transformá-lo em expressão política de uma *Sociedade do Bem viver* para todos e na superação de uma sociedade do *viver bem*

para alguns poucos. Ao *Bem viver* indígena, acrescentamos o *Pertencer* dos quilombolas e o *Conviver* e *Ser* da tradição cristã.

Missão: resgate da casa comum do ser humano

Pe. Nelito Dornelas

O resgate do ser humano convida a outro resgate, o resgate da casa da humanidade, o planeta terra. Há alguns anos ambientalistas, povos originários, povos tradicionais e cientistas vinham alertando para o avançado processo de degradação do planeta terra. Para alguns, isto não passava de modismo, ou atividade de quem não tinha o que fazer. Quando começaram a aparecer as tragédias motivadas pelo clima alterado viu-se que as denúncias eram sérias e que de fato o planeta terra estava comprometido e este comprometimento era irreversível.

Na verdade, os cientistas, finalmente dando razão aos povos indígenas ancestrais e aos estudiosos e ativistas ecologistas, chegaram a uma conclusão em comum: se nada for feito, todas as formas de vida vão sofrer nos próximos cem anos: muitas delas não terão como resistir, e desaparecerão. (CNBB, 2008, p. 9)

Diante desta situação, passamos a entender que temos uma tarefa urgente para rever a forma de relação do ser humano com o planeta terra, preparando-nos para o enfrentamento com as consequências das mudanças climáticas, promovendo a reeducação do ser humano para assumir outra forma de relacionamento com a vida.

A lógica moderna racionalista, centrada na voracidade humana pela superação de todos os obstáculos, conquistando todos os espaços e desvendando todos os segredos do universo e transformando a criação em natureza, portanto, distinta dos seres humanos e transformada em objeto a ser explorada, promoveu a maior destruição das fontes de vida do nosso planeta.

O ser humano foi transformado de *homo sapiens*, ser inteligente, em ser produtivo e consumidor, capaz de abstrair-se da criação para dominar a natureza. Esta visão moderna parte do princípio de que o planeta terra é inesgotável e seus bens foram transformados em recursos financeiros. Estamos revivendo o mito grego do *Toque de Midas*. O rei Midas era apaixonado pelo ouro. Ele pediu permissão especial aos deuses para que ao seu toque tudo se transformasse em ouro. O que lhe fora concedido. Sua alegria durou até o momento em que Midas tocou a comida e ela virou ouro. Ao tocar sua amada ela se transformou numa estátua de ouro.

Este é o grande desafio da atualidade: tudo virou mercadoria, até mesmo a vida humana. A grande questão é que a terra é um organismo vivo e como tal está ferida, está se esgotando porque nós a vemos apenas como um objeto a ser explorado.

A missão evangelizadora alia o resgate do ser humano ao resgate da casa do ser humano, o ambiente, a criação toda e o planeta terra. A missão é desafiada a assumir a situação de abandono na qual se encontra o ser humano entregue à sua própria sorte e o resgate da casa comum, o planeta terra e toda comunidade de vida que compõe conosco a sinfonia da vida que está totalmente desafinada.

O abandono do ser humano sempre foi assumido pela missão e muitas respostas positivas já foram construídas para a sua reintegração original. A destruição da terra e suas infinitudes de formas de vida ameaçadas ainda é um desafio novo pertinente que ainda não ocupa o centro de nossa missão evangelizadora.

Nossa maior missão consiste em fornecer à humanidade os fundamentos humanos e espirituais que promovam atitudes concretas de apoio e defesa deste patrimônio da humanidade, o nosso planeta. É um desafio que impele a todo ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, ao qual lhe fora confiada a missão do cuidado com a criação, fazendo-se jardineiro do Éden.

E o Papa Francisco nos adverte:

“A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora, bem como a felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as muitas possibilidades que a vida oferece; desta forma torna-se possível voltar a sentir

que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos” (LS 223-229).

“Tudo isto será mais fácil a partir de um olhar contemplativo que vem da fé: o crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres. Além disso, a conversão ecológica faz crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, leva-o a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo” (LS 220).

Após a *Laudato sí* do papa Francisco, a missão evangelizadora deverá incluir ao nosso exame de consciência além do nosso relacionamento com Deus, com os outros, consigo mesmo, também com todas as criaturas e todas as formas de vida, para tomarmos uma atitude reconciliada e reconciliadora com o conjunto da criação, a grande obra divina.